



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS – HABILITAÇÃO LÍNGUA PORTUGUESA**

FERNANDA AVELINO DOS SANTOS

ESCRITA E ARGUMENTAÇÃO EM SALA DE AULA: NORTEANDO DISCUSSÕES

CAMPINA GRANDE – PB

2014

FERNANDA AVELINO DOS SANTOS

Escrita e Argumentação em sala de aula: Norteando discussões

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Língua Portuguesa.

Orientador (a): Prof.^a MS. Alécia Lucélia Gomes Pereira

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237e Santos, Fernanda Avelino dos
Escrita e argumentação em sala de aula [manuscrito] :
norteando discussões / Fernanda Avelino dos Santos. - 2014.
28 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Alécia Lucélia Gomes Pereira,
Departamento de Letras e Artes".

1. Produção textual. 2. Leitura. 3. Escrita. 4. Dissertação
argumentativa. 5. Linguística. I. Título.

21. ed. CDD 372.623

FERNANDA AVELINO DOS SANTOS

Escrita e Argumentação em sala de aula: Norteando discussões

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Língua Portuguesa.

Orientador (a): Prof.^a MS. Alécia Lucélia Gomes Pereira

Aprovada em 24/07/2014.

Alécia Lucélia Gomes Pereira

nota: 9,5

Prof.^a MS. Alécia Lucélia Gomes Pereira / UEPB
Orientadora

Nayara Araújo Duarte

nota: 9,5

Prof.^a MS. Nayara Araújo Duarte / UEPB
Examinadora

Paloma Sabata Lopes da Silva

nota: 9,5

Prof.^a MS. Paloma Sabata Lopes da Silva / UEPB
Examinadora

MÉDIA - 9,5

Escrita e Argumentação em sala de aula: Norteando discussões

SANTOS, Fernanda Avelino dos.¹

RESUMO

Muito se discute acerca das concepções que tem norteado o ensino de produção de textos na escola, uma vez constatado o baixo desempenho dos alunos no que diz respeito ao domínio da língua no âmbito das práticas sociais de escrita. Ancorado nos estudos de Koch (2008), Antunes (2003), Xavier (2014) entre outros, o presente artigo tem como objetivo geral, analisar os recursos argumentativos utilizados em dissertações argumentativas produzidas por alunos do 2º ano médio. Como objetivos específicos, pretendemos identificar se os alunos conseguiram interpretar a proposta de produção de forma adequada e observar se seus textos obedecem à estrutura dissertativa argumentativa. Para este desígnio realizamos uma pesquisa descritiva. O resultado mostrou que é necessário repensar algumas práticas que têm norteado as práticas leitoras e as condições de produção e recepção dos textos em sala de aula, visando desenvolver a competência linguística e argumentativa do aluno do Ensino Médio, para que ele tenha a autonomia necessária para atuar em sociedade, pois dominar a escrita e saber argumentar é uma forma de participar efetivamente da vida cidadã.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita. Leitura. Texto dissertativo argumentativo. Competência linguística.

ABSTRACT

Much has been discussed about the concepts that have guided the school production of texts in school, once observed poor performance of students with regard to the field of language in the social practices of writing. Anchored in the studies of Koch (2008), Antunes (2003), Xavier (2014) and others, this article aims to analyze argumentative resources used in texts of opinion composed by Senior High School 2nd year pupils. As specific objectives, we intend to identify whether pupils were able to interpret the proposal to produce properly and see if your texts obey Essay-argumentative structure. For this purpose we conducted a descriptive survey. The result showed that we need to rethink some practices that have guided the readers practices and the conditions of production and reception of texts in the classroom in order to develop linguistic and argumentative competence of high school students, so that it has the necessary autonomy to acting in society, for mastering the writing and find a way to take part of an is to effective in civic life.

KEYWORDS: Writing. Reading. Argumentative Text. Linguistic Competence.

¹ Graduanda do curso de Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade estadual da Paraíba – Campus I, Campina Grande, PB. Email: avelinofernanda00@hotmail.com

1.INTRODUÇÃO

A escola, enquanto instituição, abarca uma série de objetivos de ensino, entre eles desenvolver as habilidades de leitura e escrita dos alunos, bem como formar bons leitores e produtores dos variados gêneros textuais que circulam na sociedade. Porém, o que se comprova na realidade é um baixo desempenho dos estudantes, sobretudo no que diz respeito à utilização da língua em suas modalidades oral e escrita, o que tem colocado em xeque a validade do ensino de língua portuguesa tal como vem sendo desenvolvido. De acordo com Geraldi (2006), diante dessa constatação, é preciso reconhecer alguns equívocos que ocorrem no interior da escola e no ensino de língua materna.

O desenvolvimento de estudos linguísticos suscitou importantes discussões em torno do ensino de língua materna. Este vem sendo repensado, no intuito de introduzir a complexidade que o envolve. Tomar o texto do aluno como ponto de partida para o ensino de português, trabalhar a gramática dentro do texto, trabalhar a diversidade de textos em situações concretas e reais de comunicação são princípios que vêm sendo bastante difundidos.

No entanto, esses objetivos não têm sido concretizados, uma vez que, marcado pela tradição, o ensino privilegiou a forma em detrimento do conteúdo, entendendo a língua como um código. Encontramos nesse quadro uma das razões pela qual fica difícil introduzir novas formas de análise e perspectivas metodológicas as quais não focalizem apenas a forma. É importante destacar que:

[...] não significa, hoje, abandonar levemente alguns preceitos da gramática da forma, mas significa privilegiar o uso da língua na sua diversidade de formas e funções. Quando situamos outro horizonte de análise, temos de admitir que a língua é um sistema que nasce, vive e se modifica na interação, e que se estrutura para a interação. A realidade fundamental desse sistema é a *interlocução* – a ação linguística entre sujeitos -, que se faz através dos textos ou discursos, falados ou escritos, e não de frases ou estruturas isoladas. (EVANGELISTA et al, 1998, p. 11)

Traçar novos caminhos para o ensino de língua portuguesa não significa dizer que é preciso abandonar a gramática da forma, uma vez que a língua é um sistema; em vez disso, se fala em privilegiar o ensino de língua como um sistema heterogêneo, vivo, que se transforma na interação e se realiza por meio da ação linguística entre sujeitos, com textos completos (com começo, meio e fim), e não com frases soltas e palavras isoladas.

Partindo desta reflexão, esta pesquisa aborda o seguinte problema: como se dá a abordagem da argumentatividade na prática de escrita de alunos do 2º ano do Ensino Médio, em texto dissertativo argumentativo. Para a realização desta, selecionamos 10 produções textuais de alunos da rede pública de ensino do município de Arara (PB).

O presente estudo tem como objetivo geral analisar os recursos argumentativos utilizados em dissertações-argumentativas produzidas por alunos do 2º ano. Para tanto, nossa análise é feita à luz dos trabalhos de Koch (2008), Evangelista et al (1998), Silva (1986), entre outros. Como objetivos específicos pretendemos identificar se os alunos conseguiram interpretar a proposta de produção de forma adequada e observar se seus textos obedecem à estrutura dissertativa-argumentativa.

O presente trabalho é estruturado em três tópicos: o primeiro discute algumas concepções de escrita e seu caráter interacional; em seguida, nos detemos sobre a prática de leitura em sala de aula e suas particularidades, passando então para a abordagem da argumentação em sala de aula. Na sequência, apresentamos os procedimentos metodológicos, a análise dos dados e as considerações finais.

Esta pesquisa é importante no sentido de proporcionar uma reflexão acerca das práticas que envolvem o trabalho com a escrita e a argumentação em sala de aula por meio do texto dissertativo argumentativo.

Partimos da hipótese de que a escrita é uma ferramenta indispensável para todas as áreas da aprendizagem, já que propicia o acesso às formas de socialização mais complexas. Saber argumentar e desenvolver boas estratégias argumentativas constitui uma forma de participar efetivamente da vida social e cidadã. A exercitação da gramática pura não oferece condições suficientes para que o aluno obtenha êxito na produção textual, é preciso atentar para o funcionamento da língua e na sua realização do ponto de vista social, propiciando ao educando condições de conviver e receber os mais variados gêneros que circulam na sociedade, tendo em vista a situação de interação comunicativa.

2.A PRÁTICA DE ESCRITA

Observa-se em alguns casos a persistência de uma prática de ensino da escrita voltada para a correção gramatical e desligada de contextos reais de comunicação dos quais os alunos participam fora da escola. Diante de uma atividade de escrita há relutância por parte do aluno, que na situação escolar vê-se na obrigação de preencher uma folha em branco, mesmo sem ter o que dizer, nem para quem ou para quê, apenas para atender a uma exigência do professor, que cumpre o papel de revisor sobre o domínio da variedade padrão e das convenções gráficas da escrita.

Considerando este contexto, o presente tópico apresenta uma abordagem de algumas concepções de escrita, assim como a escrita enquanto uma atividade de interação que mobiliza diferentes tipos de conhecimento.

2.1. Algumas concepções de escrita

Segundo Reinaldo (2005), vários campos de investigação (linguística, psicolinguística, psicologia, pedagogia) têm se ocupado em entender a escrita no que diz respeito às formas de aprendizagem e apropriação por parte do sujeito. Como resultado dessas discussões, têm-se múltiplas concepções de escrita que acabam por influenciar o ensino de produção de textos.

Considerando ainda o trabalho de Reinaldo (2005), a autora destaca duas concepções de escrita: o texto como produto e o texto como processo. Dentro da perspectiva do texto como produto, orientada pelos estudos da linguística textual encontramos, entre outras, as seguintes abordagens: o estudo da frase não é suficiente para a compreensão do funcionamento do texto, e o reconhecimento dos aspectos de cada tipo de texto contribui para uma produção escrita eficiente. Essa linha de reflexão trouxe significativas contribuições para o trabalho com a escrita, por considerar os elementos que constituem a textualidade, tais como os aspectos formal, semântico-conceitual e pragmático.

A concepção do texto como processo reúne pressupostos das teorias cognitiva e sociocognitiva, tentando explicar o que acontece durante o processo de produção. Segundo essas teorias, o ato de escrever decorre de fatores sociais e da realidade social em que os indivíduos estão inseridos, enquanto se encontram vinculados a aspectos cognitivos que dizem respeito aos conhecimentos de mundo, linguístico e textual. Essas abordagens contribuíram para a reflexão das condições de produção de texto, numa perspectiva de escrita como processo que exige várias revisões do texto. Como assinala Antunes (2003, p. 16)

A escrita é uma atividade processual, isto é, uma atividade durativa, um percurso que se vai fazendo pouco a pouco, ao longo de nossas leituras, de nossas reflexões, de nosso acesso a diferentes fontes de informação. É uma atividade que mobiliza nossa repertório de conhecimento, por isso mesmo, não pode ser improvisada não pode nascer inteiramente na hora em que a gente começa propriamente a escrever: de certa forma, estamos continuamente nos preparando para escrever sempre que estamos convivendo com as mais diferentes fontes de informação. Nem que não tenhamos de imediato, alguma atividade de escrita a vista.

Ao lado dos estudos cognitivistas, surge o paradigma sociointeracionista, que redefine a linguagem a partir da interlocução. Como resultado dessa redefinição, o processo de ensino-aprendizagem da escrita passou a ser repensado pela noção de que a apropriação da

linguagem e das práticas sociais acontece do social para o individual. Esta perspectiva deve oferecer condições de o aprendiz desenvolver a habilidade de articulação do papel do autor, para a função do leitor.

2.2. A escrita como uma atividade de interação

A escrita de um texto envolve um processo complexo, que vai se fazendo aos poucos por meio de leituras e reflexões que fazemos. Quem escreve, escreve para algum leitor em função de um objetivo comunicativo. É, pois, uma atividade de interação, de encontro entre sujeitos e precisa de uma relação de cooperação entre autor e leitor na construção de sentidos, como pontua Antunes (2003, p. 45):

Uma atividade é interativa quando é realizada, conjuntamente, por duas ou mais pessoas cujas ações se interdependem na busca dos mesmos fins [...]. A iniciativa de um é regulada pelas condições do outro, e toda decisão leva em conta essas condições [...]. Uma visão interacionista da escrita supõe, desse modo, encontro, parceria, envolvimento entre sujeitos para que aconteça a comunhão de ideias, das informações e das intenções pretendidas.

O texto é o espaço em que sujeitos, distanciados um do outro, podem marcar sua presença a partir da combinação de seus conhecimentos; além disso, leva em conta seus objetivos e as expectativas que cria em relação ao outro. Ou seja, ao produzir um texto, o autor visa atender a uma demanda ou expectativa e toma como parâmetro de suas decisões, a imagem que ele tem de seu interlocutor e, na escola, na grande maioria das vezes o único interlocutor é o professor, como bem aponta Brito:

Na situação escolar existem relações muito rígidas e bem definidas. O aluno é obrigado a escrever dentro de padrões previamente estipulados e, além disso, o seu texto será julgado, avaliado. O professor a quem o texto é remetido, será o principal – talvez o único – leitor da redação. Consciente disso, o estudante procurará escrever a partir do que acredita que o professor gostará [...]. Mais precisamente, fará a redação com base na imagem que cria e do gosto e da visão de língua do professor (BRITO, 2006, p. 120).

Embora estejamos afirmando que a escrita é uma prática de interação que necessita da cooperação entre autor e leitor, segundo Evangelista (1998), isso não quer dizer que os papéis do autor e do leitor sejam equivalentes, pois ambos ocupam lugares diferentes e realizam atividades distintas, principalmente na escola, uma vez que o professor é aquele que orienta o processo de aprendizagem e o aluno precisa ser mediado. Cooperação e interação não quer dizer permissividade, não é aceitação, mas sim, entrar no jogo interlocutivo para complementar, recuperar pistas e produzir sentidos.

Além do caráter interacional da escrita, é necessário considerar que esta não é uma tarefa apenas linguística, mas que o ato de escrever mobiliza também nossos conhecimentos enciclopédicos e textuais, e se nos falta um destes a tarefa de escrever torna-se inviável. De acordo com Oliveira (2010), ao propor a produção de textos, o professor deve estar atento aos conhecimentos necessários para escrever. O aluno precisa saber o que, para quem e para quem vai escrever; para tanto, o professor necessita prepará-lo e orientá-lo, pois fora da escola os textos são reais e são sempre produzidos com alguma finalidade comunicativa.

3.A PRÁTICA DE LEITURA EM SALA DE AULA

Para discutir a Leitura, é preciso buscar compreender sua importância nas diversas esferas sociais contemporâneas e sua atuação na efetiva formação de sujeitos letrados. De acordo com Soares (1988, p. 19):

Em nossa cultura grafocêntrica, o acesso à leitura é considerado como intrinsecamente bom. Atribui-se à leitura um valor positivo absoluto: ela traria benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e à sociedade – forma de lazer e de prazer, de aquisição de conhecimentos e de enfraquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação.

Na linguística aplicada contemporânea, em estudos sobre letramento e práticas socioculturais de linguagem, tem-se a conjugação de ações de leitura com a determinação e funcionalidade dos gêneros textuais². A leitura é discutida a partir da compreensão das diversas instâncias sociais das quais se constitui e se processa. A mesma passa de modelo apenas interacional a uma prática fundamentalmente social, na qual não apenas interagem elementos linguístico-discursivos, mas também componentes extratextuais. E qual o papel da escola na formação de sujeitos leitores?

Ao chegar à escola os alunos já trazem consigo uma bagagem de leitura cuja intensidade será resultado do meio social em que vivem. Todos têm seu estilo de música favorito, assistem a filmes, novelas e são integrantes das redes sociais. Dessa forma, “o material de leitura que a vida nos oferece, se comparado ao material de leitura disponível nas escolas e considerado legítimo para se ensinar a ler, é muito maior e diversificado” (SILVA, 1986, p. 43). Por sermos uma sociedade letrada, nos deparamos com a escrita e com uma diversidade de gêneros textuais em todas as atividades do dia a dia. Fora da escola o ato de ler

2 Segundo Marcuschi (2008, p. 155), os Gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

é uma instância da vida como outra qualquer. Está em lugares diferentes e está diferentemente em cada lugar. Entretanto

a escola não leva em conta esse aprendizado anterior, feito de intuições, representações e hipóteses acerca da leitura, resultado da convivência diversificada das crianças com esse universo letrado, uma convivência mediada pela história de cada um, pela sua origem social, etc. (SILVA, 1986, p. 43).

Ao ignorar a carga de conhecimento trazida pelo aluno de sua vida fora da escola para o ambiente escolar, ignora-se também o material de leitura conhecido por esse aluno, sendo oferecido ao mesmo um material supostamente elaborado para ser lido e encarado como a única possibilidade de leitura. Este posicionamento da escola acarreta consequências diversas para o aluno-leitor: uma delas é que ao longo de sua formação escolar o aluno enxerga como material de leitura apenas o que a escola escolhe para ele ler; além disso, perdem-se os objetivos e finalidades tão importantes para o convívio social, uma vez que, na escola, o aluno lê, na maioria das vezes, como pretexto para a escrita, para a busca de informações, para responder questionários de interpretação, para “treinar” a leitura. Dessa forma, tais práticas marcadas pelo mecanicismo e decodificação acabam por afastar os alunos de práticas de leitura reais, das quais estes participam cotidianamente e, desconsidera-se o caráter humano e sócio-histórico da leitura. De acordo com os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba (2006, p. 17):

[...] o professor pode selecionar situações didáticas que permitam ao educando exercitar-se na leitura de gêneros que já lhe são familiares, e empenhar-se no desenvolvimento de novas estratégias para a leitura de gêneros menos familiares, o que demandará maior mediação. Tais atividades podem ocorrer com maior ou menor frequência, em função dos objetivos a serem alcançados.

É nas situações de comunicação do dia a dia que o aluno se depara com uma infinidade de gêneros, descobre a finalidade e os objetivos da leitura. As práticas leitoras em sala de aula não devem ser tão distantes dessa realidade para que o educando possa vivenciá-la como algo que lhe será útil fora do ambiente escolar.

4.A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO EM SALA DE AULA

Em diferentes situações do cotidiano expressamos nossa opinião a respeito do mundo que nos cerca. Opinamos/argumentamos sobre o melhor livro, o professor mais competente, o melhor presidente do país, o melhor time e assim por diante. Diariamente, mesmo sem perceber, enquanto seres dotados de racionalidade, estamos opinando acerca das coisas que

existem ou acontecem no mundo. O presente tópico explanará alguns aspectos ligados à argumentação e sua importância no contexto da sala de aula

4.1.O espaço da argumentação em sala de aula

Argumentar é apresentar razões, verdades, fatos, explicações. É desenvolver um raciocínio para defender ou negar determinada tese, com a intenção de levar o outro a compartilhar do nosso ponto de vista. “Argumentar é, em última análise, convencer ou tentar convencer mediante a apresentação de razões, em face da evidência das provas e a luz de um raciocínio coerente e consistente”. (GARCIA, 2007, p.370). A argumentação constitui um ato essencial para a interação linguística, pois usamos a língua para nos comunicarmos com diversas finalidades, procurando obter de nosso interlocutor uma determinada postura, reação ou comportamento. Neste sentido, “[...] a linguagem passa a ser encarada como forma de ação, ação sobre o mundo dotada de intencionalidade, veiculadora de ideologia, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade”. (KOCH, 2008, p. 15). A argumentação está presente implícita ou explicitamente em qualquer produção linguística.

Para argumentar é preciso esforçar-se para comprovar a ideia defendida e não perder a credibilidade, isto é, é preciso utilizar argumentos consistentes e bem fundamentados evitando motivos superficiais e sem justificativas. O argumentador deve ter uma tese para defender. “A tese consiste na posição ideológica ou na conclusão geral a que se chega quando se defende uma questão. É uma afirmação que o sujeito apresenta para a aprovação do interlocutor” (KOCHE et al., 2013, p. 69). Essa tese precisa ser clara e bem definida, pois a organização textual estará voltada para sua defesa.

Quanto mais o autor dominar o tema sobre o qual está escrevendo e conhecer o perfil e as expectativas do público alvo, maiores serão as chances de construir uma boa estratégia argumentativa. É preciso reconhecer questões polêmicas que envolvem a sociedade. Entender quem é quem e quais interesses estão em jogo. São formas de participar da vida social e colaborar para a formação de respostas, constituindo dessa forma uma sociedade democrática com o exercício da cidadania. De acordo com Garcia (2007), uma boa argumentação deve se basear em dois elementos principais: a consistência do raciocínio e a evidência das provas. São cinco os tipos mais comuns de evidência: os fatos propriamente ditos, os exemplos, as ilustrações, os dados estatísticos (tabelas, números, mapas, etc.) e o testemunho. Alguns elementos linguísticos servem para indicar a força argumentativa dos enunciados, são os chamados operadores argumentativos, os quais reforçaremos adiante.

Considerando que a argumentação é inerente à língua e

[...] constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende ‘ neutro’, ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade. (KOCH, 2008, p.17)

Desde cedo o professor de português precisa desenvolver a capacidade argumentativa de seus alunos, por meio de um processo de ensino-aprendizagem que priorize a língua materializada nos diversos gêneros textuais (orais e escritos) que circulam socialmente, para que os aprendizes desenvolvam sua competência comunicativa e assim aprendam a se posicionar criticamente diante de determinadas situações realizando uma argumentação consistente e também reconhecendo a validade dos argumentos do outro.

Ao longo do ensino médio, os alunos produzem diferentes textos a fim de aperfeiçoar sua competência linguística e textual. Esses textos são escritos porque o professor pediu, circulam apenas no espaço da sala de aula e quase sempre o único leitor é o professor que também cumpre o papel de avaliador. Neste cenário a dissertação-argumentativa tem um lugar especial nas aulas de língua portuguesa, pois é o tipo textual³ mais associado às redações de vestibulares, de modo que essa situação de produção visa não só investigar se o aluno aprendeu os conteúdos ou avaliar sua expressão escrita, mas principalmente prepará-lo para o vestibular, e “acabou se transformando em um bem cultural desejável por ‘medir’ a escolarização dos candidatos a um emprego ou a entrada em um curso de nível superior”. (BUNZEN, 2006, p. 148)

O trabalho com leitura e escrita em sala de aula tem um papel central no desenvolvimento da competência comunicativa e argumentativa dos alunos. É preciso propiciar ao aluno atividades de leitura e escrita que lhe permitam reconhecer os processos de construção linguística e os diferentes níveis de significação dos textos colocando-o em contato com textos pertencentes às diferentes esferas comunicativas.

4.2. Os operadores argumentativos

Como já foi discutido, a argumentação é inerente à língua e qualquer atividade linguística é paralela à argumentação e por diversas vezes ela é marcada por operadores argumentativos, recursos linguísticos presentes na gramática da língua “responsáveis pelo

³ Marcuschi (2008, p. 154), define tipo textual como uma espécie de construção teórica (em geral uma sequência subjacente aos textos) definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo). O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados. A rigor são modos textuais.

encadeamento dos enunciados, estruturando-os em textos e determinando a sua orientação discursiva” (KOCH, 2008, p. 33). Constituem, dessa forma, mecanismos linguísticos necessários para a coesão, coerência e que contribuem para a construção de uma boa estratégia argumentativa e progressão textual.

Os operadores argumentativos, segundo Koch (2008), são as conjunções, advérbios, locuções conjuntivas, preposições e ainda palavras que não são incluídas em nenhuma das dez classes gramaticais pela N. G. B. (Nomenclatura Gramatical Brasileira) como as palavras denotativas e denotadores de inclusão e exclusão, considerados pela gramática tradicional apenas elementos de ligação, e essa pouca atenção dada a esses elementos também recai sobre o ensino de língua portuguesa, que acaba não dando a devida importância a esses operadores que têm um grande valor semântico e na maioria das vezes são responsáveis pela força argumentativa dos textos.

4.3-O Texto dissertativo argumentativo

A maior parte dos exames vestibulares solicitam a produção de um texto dissertativo-argumentativo, sendo assim, este tem um lugar de destaque nas aulas de língua portuguesa do Ensino médio, tendo em vista a preocupação geral de estudantes, professores e da escola como um todo, em desenvolver a competência exigida pelos exames vestibulares na famosa prova de redação. O gênero dissertativo argumentativo é um texto de natureza opinativa, organizado em torno de um ponto de vista acerca de determinado assunto. De acordo com Xavier (2014, p. 15):

Trata-se de um gênero textual específico que circula em várias instituições sociais entre elas a escola e a universidade, cujas características formais e funcionais permitem ao seu usuário demonstrar o domínio de certas habilidades linguísticas e intelectuais. Através de uma dissertação argumentativa, o autor procura convencer o seu leitor a adotar uma posição (filosófica, política ou ideológica), mudar um comportamento (estético, ético ou moral) ou a aceitar um princípio científico ou não como universal.

Quanto a seu aspecto formal, segundo Xavier (2014) a dissertação-argumentativa é escrita em prosa, organizada em parágrafos e deve apresentar:

Introdução- Constitui o primeiro parágrafo, é o início da argumentação em que o autor apresenta a temática e pode trazer uma tese que será defendida posteriormente.

Desenvolvimento- Parte em que se expõe a temática de forma progressiva e apresentam-se os argumentos: dados, exemplos, fatos, informações que sustentem o ponto de vista que está sendo defendido.

Conclusão- Constitui o último parágrafo do texto, as idéias do corpo do texto devem ser reforçadas e também deve ser apresentada uma proposta de intervenção, uma solução para o problema.

Com relação ao conteúdo, na dissertação argumentativa o aluno deve demonstrar clareza, selecionar e organizar dados, informações, relacionar acontecimentos históricos e articular as várias áreas do conhecimento, interpretar fatos e informações e sustentar um ponto de vista.

O conhecimento e a obediência a estes elementos estruturais garantem boas chances de elaborar uma dissertação argumentativa consistente e eficiente, porém além deles os conhecimentos de leitura e de mundo também têm um papel fundamental no processo de construção do texto.

5.PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Apresentaremos neste tópico a metodologia, ou seja, os procedimentos realizados durante a pesquisa. O tópico está dividido na descrição da coleta dos dados e nos procedimentos realizados para a realização da produção dos textos.

5.1.Coleta dos dados

Uma vez que este trabalho se trata de uma pesquisa descritiva, ela acabou por ser desenvolvida na Escola Monsenhor José Paulino, pertencente à rede estadual, localizada na cidade de Arara, na Paraíba. No total, colhemos 35 produções textuais realizadas por alunos do 2º ano do Ensino Médio, e destas selecionamos 10 para análise, pois as 25 apresentavam características relativamente comuns. Além disso, foram escolhidos textos desta série porque são alunos que estão no processo intermediário de escolarização do ensino médio.

O acesso aos textos se deu após a correção da professora, por esta razão, como forma de preservá-la, os textos não foram escaneados, mas aqui são apresentadas transcrições fiéis dos originais da primeira escrita dos alunos, uma vez que, não houve processo de reescrita.

5.2.Procedimentos para a realização da produção textual

Para a produção dos textos, inicialmente a professora entregou aos alunos frases relacionadas à temática do preconceito racial para lerem e discutirem entre si, como uma forma de ativar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema. Depois foi exibido um vídeo que mostrava o preconceito racial entre crianças negras e depois outro vídeo mostrando personalidades negras, pessoas negras que se destacaram em diversas esferas da nossa sociedade. Por último a professora leu e discutiu com a turma a notícia “Alvo de racismo na Espanha, Daniel Alves come banana jogada por torcedor” retirada do site veja.abril.com.br, tratava-se de uma notícia que estava tendo grande repercussão no momento.

Depois da abordagem temática a professora explicou o tipo textual dissertativo-argumentativo, a finalidade, a estrutura, como desenvolver os argumentos e diferenciou a dissertação da argumentação, mas não levou nenhum exemplo de um texto-dissertativo argumentativo. Em seguida, entregou aos alunos uma proposta de produção de um texto dissertativo-argumentativo segundo o modelo que é exigido pelo ENEM. A proposta trazia 3 textos motivadores, o primeiro abordando a situação atual do negro no Brasil, o segundo uma charge criticando o preconceito contra o negro e o terceiro trazendo um fragmento do código penal brasileiro que prevê punição para quem pratica discriminação ou preconceito racial. Vale destacar que, todos esses procedimentos foram realizados em duas aulas de quarenta minutos cada, sendo que a produção do texto, a professora solicitou que fosse feita em casa. Segue abaixo o conteúdo da proposta:

Com base na leitura dos seguintes textos motivadores e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em norma culta escrita da língua portuguesa sobre o tema “Hoje, no Brasil, o negro apresenta o mesmo status social que o branco?” Apresente proposta de ação social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Texto 1

Racismo no Brasil

O tipo de preconceito mais frequente em nosso país é o racial. O racismo no Brasil fica mais evidente quando o brasileiro identifica o negro com seu papel social. A constatação, obtida por meio de pesquisa, é da psicóloga e professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Ângela Fátima Soligo. Em sua pesquisa, a professora pediu aos entrevistados que atribuíssem dez

adjetivos aos homens e mulheres negros. (...) O resultado final revelou que a maioria dos entrevistados, aí incluídos também os negros, limita-se a reproduzir os chavões sociais. O negro é alegre porque gosta de samba e Carnaval, forte porque se dá bem nos esportes e competente para trabalhos braçais. "O adjetivo é positivo, mas o papel social ligado ao negro mostra um preconceito arraigado na nossa cultura", concluiu a estudiosa. (...) A pesquisa reforçou a tese de que o brasileiro pratica um "racismo camuflado": em tese, diz que não tem preconceito, mas prefere limitar as possibilidades e potencialidades da raça negra. Por exemplo, na pesquisa, não houve identificação do negro com o intelectual ou o político. [A ética e os estereótipos irracionais, UOL Educação]

Texto 2



Texto 3

Código Penal

Lei Nº 9.459, de 13 de maio de 1997.

Art. 1º Os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, passam a vigorar com a seguinte redação:

Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Pena: reclusão de um a três anos e multa.

6. ANÁLISE DOS DADOS

Após a orientação dada pela professora, os alunos receberam uma proposta para produzirem uma dissertação-argumentativa em que deveriam se posicionar acerca da temática: “Hoje no Brasil, o negro apresenta o mesmo status social que o branco”? Assim, com os textos em mãos selecionamos 10 para serem analisados. As produções serão identificadas como Aluno 1 (A1), Aluno 2 (A2), Aluno 3 (A3), Aluno 4 (A4), Aluno 5 (A5), Aluno 6 (A6), Aluno 7 (A7), Aluno 8 (A8), Aluno 9 (A9), Aluno 10 (A10).

6.1. Produções

Texto do A1:

Atualmente, boa parte da população mundial sofre com algum tipo de preconceito, a mais comum entre todas é o racismo, que implica em menosprezar, ofender ou excluir de alguma forma uma pessoa de pele negra.

Existem leis no código penal brasileiro que punem qualquer indivíduo que pratica a discriminação racial, o que não é suficiente, já que ainda são registrados muitos casos de agressão física ou verbal à pessoas negras. Recentemente, o jogador de futebol do Barcelona (famoso clube da Espanha) Daniel Alves foi chamado de macaco, logo após atiraram-lhe uma banana em campo. A vítima reagiu com naturalidade e bom humor, quando apanhou a banana do chão e comeu, mas nem sempre é tão fácil de encarar uma situação semelhante.

Quase 53% da nação brasileira se declara negra. Esse mesmo grupo se destingue, e não consegue apontar com facilidade uma pessoa de pele escura que tenha obtido sucesso nos estudos ou na política, por exemplo.

É inegável a existência do racismo em nossa sociedade, mas isso precisa mudar. Deve-se implantar leis mais rígidas para as pessoas que praticam este ato repugnante. O código penal necessita de urgentes mudanças e a primeira teria que ser o aumento da pena para quem pratica a discriminação. Quem julga uma pessoa pelo simples fato de ela ser negra precisa ser punida com rigor, assim quem sabe a sociedade terá consciência da gravidade que esta atitude provoca para quem a recebe.

O texto organiza-se em quatro parágrafos. Na introdução o autor situa a temática e faz uma apresentação da mesma. No desenvolvimento, que constitui o segundo e terceiro

parágrafos, o autor desenvolve argumentos por meio de exemplos reais para mostrar como o preconceito contra o negro ainda é bem presente. Na conclusão, último parágrafo, o autor insiste na existência do racismo na nossa sociedade e apresenta uma proposta de que é preciso a criação de leis mais rígidas e uma mudança no código penal brasileiro, no sentido de aumentar a pena para quem comete atos de racismo.

O texto demonstra que o aluno compreendeu a temática proposta e esta foi desenvolvida de modo coerente e adequado; as idéias foram encadeadas de modo lógico e os argumentos foram bem selecionados. No que diz respeito às questões estruturais, a paragrafação está adequada ao tipo textual proposto, apresenta um bom desempenho na utilização do sistema escrito da língua e da norma-padrão, dispõe de uma boa disposição estética, além disso, mostra um bom domínio dos operadores argumentativos necessários à argumentação e à progressão textual. Identifica-se a utilização de operadores de explicação (“já que ainda são registrados muitos casos de agressão física ou verbal à pessoas negras”), de operadores de tempo (“logo após atiraram-lhe uma banana em campo”), de operadores de oposição (“mas nem sempre é tão fácil de encarar uma situação semelhante”), contrastando com a atitude de Daniel Alves para mostrar que nem todos teriam uma iniciativa tão espontânea. Faz uso também de pronomes para se referir a um termo anterior (“Quase 53% da nação brasileira se declara negra. Esse mesmo grupo se distingue”[...], “É inegável a existência do racismo em nossa sociedade, mas isso precisa mudar”).

Texto do A2:

É de conhecimento geral que o preconceito contra o negro tem sido um assunto muito abordado nas mídias sociais e meios de comunicação. Isso se dá pelo fato de presenciarmos frequentemente o racismo contra o negro.

As tentativas da legislação de incluir os negros à sociedade acabam, de certa forma sendo racistas, mesmo que estejam em vigor para combater o racismo. Pode-se mencionar o dia da consciência negra, o fato de haver um dia para refletir sobre a condição de um negro e não haver da mesma forma para os brancos, torna o feriado discriminatório. Ainda convém lembrar das cotas criadas para negros nas universidades. Se, segundo a legislação somos todos iguais perante a lei, por qual motivo criar cotas que beneficiam a uns e a outros não, apenas pela cor de sua pele? Além de ser um ato racista é injusto.

Em virtude dos fatores mencionados conclui-se que para acabarmos com o preconceito racial contra os negros não é preciso muito, apenas a conscientização de cada membro da sociedade que por motivos fúteis e banais acham que cor da pele interfere no desempenho social de um cidadão.

O texto está organizado em três parágrafos, no primeiro o aluno apresenta a temática e traz a tese de que presenciamos frequentemente o racismo contra o negro. O segundo parágrafo traz argumentos em favor da tese, por meio do que Garcia (1996) chama de evidência, um recurso que contribui para uma argumentação consistente, são os exemplos mencionados, tais como o dia da consciência negra e as cotas raciais nas universidades, estes exemplos comprovam a tese e contribuem para a construção da argumentatividade.

No último parágrafo o aluno finaliza seu pensamento e traz a proposta de intervenção subjetiva. Demonstrou compreensão da proposta e soube desenvolver o tema de forma coerente. Quanto à estruturação, o texto está de acordo com a estrutura dissertativa argumentativa que foi exigida, mostra um bom domínio da norma-padrão, tendo em vista que o texto apresenta poucos desvios ortográficos e gramaticais, assim como também faz uso dos recursos coesivos e dos operadores argumentativos necessários à argumentação tais como uso do pronome demonstrativo para retomar a expressão anterior: “*Isso se dá pelo fato de presenciamos frequentemente o racismo contra o negro*”.

No trecho: “*Ainda convêm lembrar das cotas criadas para negros nas universidades*”, o uso do operador *ainda* está sendo usado para introduzir mais um argumento em favor da tese. Há ainda o operador de condição *se*, o operador de conformidade *segundo*. Para finalizar seu texto o aluno fez uso do operador de consequência “*em virtude*” e do operador de conclusão “*conclui-se*”.

Texto do A3:

Desde a era colonial o preconceito racial tem sendo um grande problema social, os colonizadores portugueses contribuíram muito e hoje o racismo é um dos problemas da sociedade.

Hoje as pessoas vêem o negro como um criminoso, por isso muitas vezes o negro ficar sem estudar e até sem trabalhar.

Muitos pensam que o período colonial não passou porque continuam com o mesmo costume de que de que negro só serve para obedecer ordem dos senhores, mas eles estão enganados, nos dias de hoje os negros estão tendo oportunidade, são poucas mas já é um bom começo para essa realidade mudar.

Pessoas de má vontade quando vêem um negro começam a fazer piadas maldosas e começa a bater até a pessoa desmaiar, e depois saem correndo. E também dizem palavras de baixo calão.

O racismo não deveria existe, porque cada um tem sua tradição, a cultura, a religião e seus costumes. O Brasil é o país cheio de culturas e por isso devemos respeita cada raça e a cor. Para acabar com a discriminação os políticos devem fazer com que as leis já existentes funcione, e se essas leis não estiver servindo mais, eles tem

que fazer outras leis mais rigorosas para punir quem comete esse crime.

O texto está organizado em cinco parágrafos, o primeiro, a introdução, o aluno apresenta sua tese de que o racismo é um problema social, o segundo, terceiro e quarto constituem o desenvolvimento, que aborda a situação atual do negro, como o negro é visto, e as dificuldades que enfrenta. Na conclusão (último parágrafo) o aluno insiste ser contra o racismo e apresenta a proposta de intervenção.

O texto demonstra que o aluno compreendeu a temática proposta, a paragrafação está adequada ao tipo textual proposto, apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão, porém, os argumentos não foram bem selecionados sendo, pois, uma argumentação superficial, previsível e pouco desenvolvida. Um aluno nessa faixa escolar deveria apresentar uma competência argumentativa mais consistente. Além disso, apresenta alguns desvios da norma-padrão. Foram usados os operadores argumentativos de adição *e*, para acrescentar um argumento, de explicação *porque*, de oposição *mas* e de condição *se*.

Texto do A4:

Racismo será que tem fim?

O racismo no Brasil e fora dele estão em alta. Pessoas são agredidas verbalmente e fisicamente. Ou seja pessoas comuns e famosas sofrem esse tipo de preconceito que contem punição em casos mais graves. Não só no Brasil existe preconceito e sim em outros países mais sucedidos e desenvolvidos. Infelizmente alguns casos de racismo, os negros cometem suicídio pois não agüentam ser vitimas de um racismo que as vezes não possuem um final feliz. Infelizmente o homem branco vê o negro como um escravo que hoje em dia não é assim, os negros possuem seu espaço e algumas vezes conquista. Alguns negros lutaram pelo fim desse preconceito que até hoje não obteve fim. O mundo seria melhor se os negros e brancos ficassem em paz.

O texto está organizado em um parágrafo único em que não é possível delimitar introdução desenvolvimento e conclusão, logo, não obedece à estrutura dissertativa argumentativa. O aluno inicia mostrando que o racismo ainda é bem forte na sociedade em geral, mas depois diz que o negro possui seu espaço. Observa-se que não há um ponto de vista claro, as informações apresentadas estão pouco articuladas, aleatórias e contraditórias, o que acaba comprometendo a estrutura lógico-semântica e a força argumentativa do texto.

Observa-se ainda que o aluno não interpretou a proposta de forma adequada, pois ele aborda o preconceito de modo em geral não se detendo a situação atual do negro na

sociedade, apenas no final ele começa a tocar na questão do negro. O aluno conclui o texto mostrando que mesmo com a luta de negros, o preconceito não teve fim e como proposta de intervenção é que brancos e negros fiquem em paz, porém não desenvolve a idéia e nem sugere os meios para que se estabeleça essa paz.

Observa-se o uso do operador argumentativo, *ou seja*, classificado por Koche et al (2013), como um operador de esclarecimento, usado para introduzir um enunciado que esclarece outro; nesse sentido, o aluno utilizou o operador de modo inadequado. Foram utilizados também os operadores *e*, de adição, *pois* de explicação e *se* de condição. Sendo assim, o aluno demonstrou um conhecimento razoável dos mecanismos linguísticos necessários à argumentação, porém é uma argumentatividade superficial e pouco desenvolvida, que não chega a ser consistente.

Texto do A5:

O rascismo vem sendo abordado desde os anos anteriores, com uma lei que pune os que praticam essa discriminação. E na nossa Sociedade hoje em dia ainda temos esse preconceito?

O racismo ainda vem sendo uns dos problemas na nossa sociedade, esse preconceito e discriminação, está presente nas escolas, no trabalho, e entre a população.

Nisso as pessoas que sofrem esse tipo de preconceito, ficam se sentindo inferiores por onde passam.

A lei do racismo tem que ser mais rígida assim o problema na população vai diminuindo, e as pessoas vão percebendo que todos nós somos inguais, não importa a cor, mas sim o caráter.

O texto está estruturado em quatro parágrafos e obedece às características do texto dissertativo argumentativo, o primeiro constitui a introdução em que o aluno traz a tese de que “*o rascismo vem sendo abordado desde os anos anteriores, com uma lei que pune os que praticam essa discriminação*”. O segundo e terceiro parágrafos trazem o desenvolvimento defendendo que o racismo ainda está presente em nossa sociedade e as consequências que ele traz para as vítimas. Observa-se que, sendo um texto de um aluno do 2º ano médio, os argumentos são previsíveis, pouco desenvolvidos e não são consistentes na defesa de seu ponto de vista. Além disso, o aluno mostra pouco conhecimento dos recursos linguísticos necessários à argumentação e à progressão textual. O aluno não interpretou a proposta de forma adequada.

O último parágrafo, a conclusão, o aluno apresenta uma proposta de intervenção e finaliza o texto, assim como os alunos A5 e A6, com um clichê “*todos nós somos inguais, não importa a cor, mas sim o caráter*”.

Texto do A6

*O texto vai falar sobre o preconceito no Brasil.
 No mundo em que vivemos o preconceito que o mais freqüente no
 nosso país e o racial
 O racismo no Brasil fica mais evidente quando o brasileiro identifica
 o negro como o seu papel social por ter a cor escura
 São bastante discriminado pela sua raça o cultura
 Más estão quebrando um pouco essa barreira
 Pois os negros tem o mesmo status dos brancos eles devem ser
 respeitados e valorizado pois somos todos Ser humano.
 A minha proposta para melhora é que não haja preconceito entre a
 sociedade pois nos todos temos valores.
 Independente de cor, religião é cultura
 É o preconceito não levar a nada so aumenta para que haja diferença
 entre as pessoas.*

O texto inicia-se com uma estrutura narrativa “*O texto vai falar sobre o preconceito no Brasil*”. Não há delimitação das partes que devem compor um texto dissertativo argumentativo (introdução, desenvolvimento e conclusão) e não está estruturado em parágrafos. Além disso, o aluno traz um trecho de um dos textos motivadores. Até certo ponto, o mesmo demonstrou compreensão da proposta de produção, pois ele abordou a situação atual do negro no Brasil, mas não mostra argumentos coerentes e consistentes, pois se contradiz ao dizer que os negros ainda são bastante discriminados, mas vem quebrando essa barreira e depois diz que o negro tem o mesmo status do branco, em seguida traz argumentos previsíveis e baseados no senso comum. Vale destacar que a proposta de intervenção está marcada textualmente, mas não é desenvolvida como esperado.

O aluno faz uso do operador de oposição *mas*, para contrapor ao que ele disse anteriormente, do operador explicativo *pois* para justificar porque a barreira do preconceito contra o negro vem sendo quebrada, do operador de adição *e*, para acrescentar o argumento de que o negro deve ser valorizado porque é um ser humano.

Tendo em vista que se trata de um texto de um aluno do 2º ano Médio, é uma escrita que deixa muito a desejar, ele não apresenta uma boa estratégia argumentativa para defender seu ponto de vista. Comparado ao texto do Aluno A3, o texto do aluno A5 apresenta poucos desvios da norma, mas demonstra uma necessidade de maior familiarização desse aluno com a prática constante da leitura e da escrita, assim como também dos mecanismos linguísticos necessários à argumentação.

Texto do A7:

O racismo é uma forma de discriminar as pessoas de cor diferente ou outras características físicas.

O racismo já vem de muitos anos atrás, e cada dia que se passa vai aumentando mais o preconceito das pessoas, Vai demorar para as pessoas acabarem com todo esse preconceito, porque não importa e a raça o que importa e a educação das pessoas, porque cada um tem seu jeito de ser.

Em primeiro lugar o texto apresenta apenas dois parágrafos, no primeiro o aluno define o racismo, no segundo ele tentou fazer um pequeno desenvolvimento, ao afirmar que o preconceito cresce a cada dia, e conclusão em que ele não apresenta proposta de intervenção traz um clichê, “*porque não importa e a raça o que importa e a educação das pessoas, porque cada um tem seu jeito de ser*”, assim como o aluno A5. Observa-se que o texto traz inadequações quanto à estrutura formal e conteudística do texto dissertativo argumentativo.

Em segundo lugar, o aluno demonstrou pouco conhecimento do tema proposto e, assim como a produção A3, a maior preocupação é preencher uma folha em branco para entregar ao professor e receber uma nota. O texto apresenta uma baixa força argumentativa para defender seu ponto de vista, e pouco conhecimento dos recursos necessários para a construção de uma boa argumentação.

Texto do A8

Hoje em dia já não acontece tanto Preconceito como antes pois os negros já consegui quebrar essas barreiras. Com os negros antes as pessoas negras não era bem visto como os brancos. Eles era muito criticado é sofria muito racismo por nao ter uma cor bonita branca mais hoje os negros tem o mesmo statu dos brancos conseguem trabalho é bem visto e boas condições finaceiras emprego bom como muintos conseguiu superar esse preconceito Exemplo BaraKiobama O presidente negro que se desenvolveu e mostra que tem ótimas qualidade caracterista para adiministrar os Estados Unidos tais Araujo ótima atriz Pelé rei do futebol um dos melhores jogado então isso tudo influencia é ajuda bastante para uma boa visão entre os negros e os brancos.

A minha opinião e que não ezista mais tanto preconceito como antes pois todo mundo é igual não importa se é e branco o negro pois todos tem que ser tratado da mesma maneira.

O aluno demonstrou interpretação adequada da proposta e vê-se que texto não é estruturado em parágrafos, porém é possível delimitar introdução em que o aluno apresenta a tese ao afirmar que o negro vem conseguindo quebrar a barreira contra o preconceito e no desenvolvimento ele vai tentando provar sua tese mostrando exemplos reais de pessoas negras

que conseguiram se destacar e fazer a diferença na sociedade, segundo Garcia (1996), esses exemplos contribuem para a construção de argumentação consistente.

Na conclusão “*Aminha opinião e que não ezista mais tanto preconceito como antes*” o aluno não apresenta proposta de intervenção e também traz um clichê “*não importa se é e branco o negro pois todos tem que ser tratado da mesma maneira*”, assim como A5, A6 e A7. Embora esteja tentando mostrar um posicionamento contra o preconceito no trecho, “*Eles era muito criticado é sofria muito racismo por nao ter uma cor bonita branca*” ele se coloca numa atitude preconceituosa dizendo que a cor branca é bonita, sugerindo que a cor negra não é.

O texto apresenta ainda algumas inadequações quanto ao tipo textual dissertativo argumentativo, assim como também muitos problemas ortográficos, gramaticais, de pontuação, e um baixo domínio da norma-padrão. Todos esses aspectos acabam comprometendo a qualidade e o objetivo comunicativo do texto. Observa-se o uso dos operadores argumentativos *pois*, usado para explicar porque o preconceito vem diminuindo, *mais* que foi usado de modo inadequado, pois deveria ter sido usado o operador de oposição *mas*, e usado para somar argumento.

Texto do A9:

O preconceito é uma coisa que não vem de hoje, vem de muitos anos atrás e com o passa o tempo isso acaba, mas não só vem aumentando cada vez mais. O preconceito pode da ate cadeia, basta a pessoa denuncia mais geralmente poucos tem coragem de denunciar mais. O preconceito acontecer com o negro, gay, pessoas que tem algum tipo de problema físico, mas na minha opinião isso tem de acaba, porque somos iguais independentes de cor, opção sexual, etc.

E também para isso acaba tem que fazer igual a Daniel Alves que nem se importou com um torcedor que jogou uma banana nele e ele comeu e isso é uma forma de acabar com o preconceito.

Observa-se que faltou compreensão do aluno quanto à proposta, sobre o preconceito contra o negro, o mesmo abordou o tema do preconceito e citou seus tipos de modo generalizado.

O estudante inicia o texto afirmando que o preconceito já existe há muitos anos e com o passar do tempo acaba, porém se contradiz e depois diz que vem aumentando. Para defender seu ponto de vista contra o preconceito, reproduz argumentos do senso comum, que não são consistentes para a defesa de sua opinião: “mas na minha opinião isso tem de acaba, porque somos iguais independentes de cor, opção sexual, etc.”

No último parágrafo, a conclusão, o aluno trouxe um fato de sua realidade social, o qual teve uma repercussão enorme por se tratar de mais um caso de racismo dentro do futebol e apresenta uma proposta de intervenção, a de que a atitude do jogador Daniel Alves é uma forma de combater o preconceito. Porém essa conclusão não tem relação direta com as ideias que foram desenvolvidas ao longo do texto e, além disso, o aluno apresenta uma solução muito subjetiva.

Do ponto de vista da estruturação, o texto não obedece à estrutura dissertativa argumentativa, apresenta apenas dois parágrafos em que não são delimitadas introdução, desenvolvimento e conclusão, assim como também demonstrou um baixo domínio da escrita e da norma-padrão. O texto apresenta muitos problemas ortográficos, gramaticais, de coesão, coerência e frases fragmentadas que comprometem a estrutura lógica do mesmo. O estudante demonstrou desconhecimento quanto ao uso do operador argumentativo de oposição mas: “(...) basta a pessoa denuncia mais geralmente poucos tem coragem de denunciar mais”.

Com base em todos estes aspectos, o aluno não construiu uma boa estratégia argumentativa na defesa de um ponto de vista.

Texto do A10:

O rassismo no Brasil é muito vintor no Brasil estar ocorrendo alguns casos como o do jogardo tinga e nos jogos os tossedorens e estam jorgando bananas no campo e imitando macacos e na Espanha estam com racimo com o jogardo mima e Daniel auves em um jogo os tossedores jogaram uma banana e o jogardo Daniel pergol a banana que os tossedoresjogaran uma banana e ele comel e deu uma mídia muito grande.

De início, observa-se que o texto não é estruturado em parágrafos, não obedece à estrutura textual da dissertação-argumentativa, mas o aluno compreendeu a proposta. É perceptível que o aluno não incorporou aos seus hábitos linguísticos às regras que um texto escrito deve estabelecer com o leitor, assim como a ortografia exigida pelo sistema escrito e as relações lógico-semânticos entre os textos.

Contudo, o aluno demonstra certo conhecimento de mundo acerca do tema, ao trazer exemplos reais para o seu texto: “(...) estar ocorrendo alguns casos como o do jogardo tinga e nos jogos os tossedorens e estamjorgando bananas no campo e imitando macacos e na Espanha estam com racimo com o jogardo mima e Daniel auves em um jogo os tossedores jogaram uma banana (...)”.

Observa-se ainda que o texto não é produto de uma reflexão; a preocupação maior do estudante é preencher a folha em branco, mesmo sem saber o que dizer e na tentativa de

estender o conteúdo apresenta frases desconexas que comprometem a progressão textual. O texto apresenta problemas que se situam em níveis diversos, tanto no que diz respeito ao código lingüístico quanto aos usos sociais, ortografia, gramática, coerência e coesão.

Considerando-se que é um texto de um aluno do 2º do Ensino Médio, é um texto que deixa muito a desejar, no qual o aluno mostra um desempenho insuficiente na sua competência argumentativa e na utilização do sistema escrito.

Os textos analisados apresentam operadores argumentativos, um importante recurso para a construção da argumentação, mas nem todos os que trazem operadores argumentativos possuem boas argumentações ante ao proposto, ou seja, só no fato de um texto possuir operadores argumentativos não significa necessariamente que se trata de uma boa produção textual dissertativa argumentativa; além dos operadores argumentativos, o conhecimento de mundo e de leitura tem um papel fundamental na construção argumentativa. Porém, o uso dos mesmos durante toda a construção semântica, sintática e discursiva contribui para a argumentação do aluno autor.

Observa-se a dificuldade desses alunos em ler e compreender o que está sendo posto. Metade deles não interpretou a proposta de forma adequada, assim como também não desenvolveu o tema de forma satisfatória de acordo com o tipo textual dissertativo-argumentativo. Os textos apresentam dificuldades que situam-se em diferentes planos, mas todos apresentam problemas ligados à leitura ou à escrita.

Grande parte dos argumentos utilizados nos textos são superficiais, previsíveis e baseados em valores difundidos pela sociedade, a exemplo dos alunos A1, A5, A6 e A7 que usaram o clichê de que somos todos iguais independente de cor, raça ou religião. Dessa forma, por se tratar de alunos do 2º ano médio, seus textos não trazem argumentos consistentes e bem fundamentados para a defesa da temática proposta.

7.CONCLUSÃO

Tendo em vista que escrever requer objetivos que serão determinados pela necessidade de adequar-se às diferentes situações comunicativas, a pesquisa mostrou que nessa situação específica de produção dos textos analisados, os alunos produziram textos para “treinar” para o ENEM. De acordo com Oliveira (2010, p. 143) tal prática “dificulta o desenvolvimento da consciência dos alunos acerca dos elementos pragmáticos de textualidade”. E também é responsável por uma parte do insucesso do aluno autor, pois não existem objetivos delimitados do propósito comunicativo e do possível interlocutor.

Os alunos ainda deixam muito a desejar em relação à leitura e compreensão do que está sendo pedido, o que dificulta a construção do seu texto, seu posicionamento e defesa em relação a uma tese. Eles tendem a se restringir ao que está sendo solicitado, por conta também a falta de conhecimento da temática.

Considerando que são textos de alunos do 2º ano médio que estão finalizando a educação básica, estes alunos ainda têm um longo caminho a percorrer e suas dificuldades poderão ser superadas com a prática da leitura e da escrita que considere a dimensão sócio-interativa da linguagem. Como propõe Bunzen (2006, p. 20):

Sugerimos que o professor trabalhe com uma política de ensino de língua fortalecedora das práticas sociais dos alunos em contextos culturais específicos [...] Nessa direção, as práticas de leitura e de produção de textos em gêneros diversos que fazem parte do cotidiano dos alunos nos diversos espaços de socialização (famílias, igreja, mídia, grupos de amigos, movimentos juvenis, associações comunitárias, trabalho etc.) podem ser legitimadas na escola (e não excluídas) .

É uma forma de aproximar o aluno do seu objeto de estudo e ajudá-lo a se reconhecer como parte integrante de situações discursivas, visto que os gêneros textuais estão presentes em todas as esferas sociais, e fazem parte do seu dia-a-dia nas mais variadas situações de comunicação.

É necessário repensar algumas práticas que têm norteado as práticas leitoras e as condições de produção e recepção dos textos em sala de aula, visando desenvolver a competência linguística e argumentativa do aluno do Ensino Médio, para que ele tenha a autonomia necessária para atuar em sociedade, pois dominar a escrita e saber argumentar é uma forma de participar efetivamente da vida cidadã.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: Encontro e interação**. 2ª ed. Parábola, 2003.

BRITO, Luiz Percival Leme. **Em terra de surdos mudos**. In: GERALDI, João Wanderlei. (Org.) **O texto na sala de aula**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

BUNZEN, Clécio. **Da era da composição à era dos gêneros: o ensino de produção de textos no ensino médio**. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia. (orgs.) **Português no ensino médio e formação do professor**. 3ª ed. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et al. **Professor- leitor Aluno – autor: Reflexões sobre avaliação do texto escolar**. 2ª ed. São Paulo: Formato, 1998.

GARCIA, Othon Moacyr. **Comunicação em Prosa Moderna**. 26ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.

GERALDI, João Wanderlei. **O texto na sala de aula**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e Linguagem**. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 2008

KOCHE, Vanilda Salton et al. **Prática textual: atividades de leitura e escrita**. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola, 2010.

PARAIBA, Referenciais curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias. João Pessoa: Secretaria de Estado da Educação e Cultura, 2006.

REINALDO, Maria Augusta Gonçalves de Macedo: A orientação para a produção textual. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva e BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.): **O livro didático de português: múltiplos olhares**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

SILVA, Lilian Lopes Martin da. **A Escolarização do Leitor: a didática da destruição da leitura**. São Paulo: Atual, 1986.

SOARES, Magda Becker. **As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto**. In: ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura: Perspectivas Interdisciplinares**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. **Como se faz um texto: a construção da dissertação argumentativa**. 6ª ed. São Paulo: Editora Respel, 2014.